

SEMASIOLOGIA E ONOMASIOLOGIA*

Kurt Baldinger

1. Esboço do desenvolvimento histórico.

Do séc. XIX ao séc. XX, a evolução da lingüística — não se levando em conta outros aspectos novos — caracterizou-se por duas tendências essenciais: a atenção se deslocou do **som** para a **palavra** (da fonética histórica à lexicologia histórica), e, ao mesmo tempo, a maneira de considerar os problemas, inicialmente isolante — unidimensional — tornou-se estrutural, isto é, bi- ou tridimensional. Os atlas lingüísticos contribuíram grandemente para êsse desenvolvimento. Até mesmo o atlas lingüístico de Gilliéron partia ainda do **som** e rematava, quase que malgrado o autor, nos estudos lexicológicos, na fundação da geografia lingüística. A nova etimologia, proposta em 1908 por Jakob Jud do fr. **aune**, fêz sensação. A etimologia lat. **alnus** > fr. **aune**, incontestável do ponto de vista fonético, não era válida, embora a nova etimologia apresentasse importantes dificuldades, justamente do lado fonético (1). Êste foi o triunfo da nova escola (a da geografia lingüística) sôbre a antiga (a das leis fonéticas). Enquanto Gilliéron publicava em Paris, em 1905, seus primeiros trabalhos de geografia lingüística, Saussure, na Universidade de Genebra, ministrava cursos teóricos de uma importância considerável. À maneira, até então linear e histórica, de encarar os problemas, êle opunha um estudo sincrônico da língua enquanto sistema de ex-

(*) Conforme noticiamos em nosso número 5-6 (março-setembro de 1964), 163, publicaríamos a versão portuguesa das conferências que Kurt Baldinger pronunciou nesta Faculdade, por ocasião de uma visita em setembro de 1962. Este artigo foi publicado na *Revue de Linguistique Romane* t. XXVIII (1964), 249-272 e sai agora numa tradução feita por Ataliba T. de Castilho, com adições do Autor.

(1) V. por fim Th. Frings — "Erle und Aune", in *Etymologica* (Mélanges Wartburg). Tübingen, 1958, pp. 239-259.

pressão, enquanto estrutura (2). Desde Saussure falamos em lingüística sincrônica e em lingüística diacrônica. Retenhamos: 1.º Do séc. XIX ao séc. XX passou-se do **som** à **palavra** como centro de pesquisas — a fonética, ademais, continuou a viver, felizmente. Ela até mesmo se cindiu em dois! 2.º Mudança para uma visão estrutural dos fenômenos lingüísticos. É nesse quadro geral que gostaria de situar as relações da semasiologia e da onomasiologia.

Os fundamentos da elaboração destes dois métodos, cêrca de 1900 e um pouco após, refletem o primado da **palavra** sôbre o do **som**. Os dois métodos — a semasiologia (3) e a onomasiologia — põem-se a serviço da lexicologia histórica, mas são atraídos, ao mesmo tempo, pela segunda tendência, a do primado da **estrutura**. A semasiologia, é certo, considera a palavra *isolada* no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, vale dizer, uma *multiplicidade* de expressões que formam um conjunto. A onomasiologia implica pois, desde o comêço, numa preocupação de ordem estrutural. Dornseiff precisa isto: “A onomasiologia e a semasiologia têm entre si a mesma relação que um dicionário por matérias tem por um dicionário alfabético”. E Dornseiff acrescenta: “Todos os dois são necessários. . .” (4), mas tôda a sua introdução é uma polêmica contra o dicionário alfabético, no qual “**criança** é pôsto entre **queijo** e **carvão**” (das **Kind** zwischen dem **Käse** und der **Kohle**). Com efeito, começou-se a lutar sistematicamente contra o dicionário alfabético desde os anos 20, acusando-o de decompor o sistema orgânico do vocabulário. Julgamentos assaz severos foram levantados contra a semasiologia que se ocupa, também ela, da palavra isolada. O **Essai de Sémantique** de Bréal, Paris, 1899, que fêz escola, se verá qualificado por Dornseiff de “modesta compilação” (Dornseiff, *ib.*, p. 17). Os que o “consideraram um dos monumentos da ciência francesa, prossegue Dornseiff, fize-

(2) “Foi a grande originalidade e a grande revolução da lingüística saussuriana o mostrar que a língua é uma estrutura”. Cf. Pierre Guiraud — *La Sémantique*. Paris, PUF, 1955, p. 68.

(3) Distingulmos *semasiologia*, “ciência das significações” de *semântica*, “ciência do conteúdo da linguagem” (sentido mais geral, englobando a onomasiologia e a semasiologia).

(4) Franz Dornseiff — *Der Deutsche Wortschatz nach Sachgruppen*, 2.ª ed., 1940, Introdução, p. 25.

ram-no por ignorância ou por exaltação nacional” (térmos retomados na edição revista de 1957). Em 1919, Vossler opõe à semasiologia a **onomasiologia**, que considera um dos maiores progressos da lingüística (5); depois, em 1927, Leo Weisgerber encarece: “A semasiologia é um êrro da lingüística?” (título de um artigo que é um programa) (6).

Lê-se ali: “Está definitivamente excluída a possibilidade de apreender o sentido das expressões, a mudança, a transformação e a evolução do conteúdo lingüístico através da semasiologia. Muito ao contrário, a semasiologia, que se apresenta como uma disciplina científica, não é senão um obstáculo. Com efeito, ela é um êrro, o último resíduo duma concepção lingüística ultrapassada. Carece de qualquer postulado científico. Ouçamos enfim Dornseiff, ainda uma vez, afirmar em 1934:

“Com a semasiologia, a lingüística não ultrapassa o estágio do verbalismo do aristotelismo medieval. A evolução moderna das ciências naturais, do Renascimento à nossa época realista, das idéias acadêmicas peripatéticas e das entelequias às pesquisas causais e genético-biológicas da realidade liberada dos postulados anteriores — tudo isto a lingüística levou em conta menos do que qualquer outra ciência. No que respeita à lingüística, Bacon viveu em vão...” (*ibidem*, p. 20).

Malgrado êste ataque — e outros ainda — a semasiologia não morreu, longe disso!

A **onomasiologia** impôs-se mais facilmente: Bruno Quadri demonstrou-nos, com o apoio de provas, seu desenvolvimento, numa excelente exposição (7). Também é verdade que Leo Weisgerber, no trabalho precedentemente citado, fazia restrições não somente à semasiologia, como também à onomasiologia, e isto em favor de uma **ciência dos conceitos** (8). A onomasiologia, segundo êle, esforça-se por ligar diretamente o

(5) Karl Vossler — *Französische Philologie*. Wissenschaftliche Forschungsberichte I. Gotha, 1919, p. 43; citação completa em Dornseiff, *ib.*, p. 20.

(6) Leo Weisgerber — “Die Bedeutungslehre — ein Irrweg der Sprachwissenschaft”, in *Germanisch-Romanische Monatsschrift*, 15 (1927), 161-183.

(7) Bruno Quadri — *Aufgaben und Methoden der onomasiologischen Forschung*. Eine entwicklungsgeschichtliche Darstellung. Bern, 1952, 271 pp. [*Romanica*, Helvetica, vol. 37].

(8) V. quanto a isto Quadri, *ib.*, p. 159 e ss.

objeto e o nome, omitindo assim os conteúdos lingüísticos, os conceitos (**Germanisch-Romanische Monatsschrift**, 15, 178). E dois alunos de Weisberger, Gipper e Schwarz, acabam de publicar os primeiros fascículos de um Manual da Escola de Weisgerber: **Bibliographisches Handbuch zur Sprachinhaltsforschung**, 1.º fasc., 1962. O prefácio toma posição tanto contra a semasiologia como contra a onomasiologia:

“Dieses Ziel [Erforschung der Sprachinhalte] ist jedoch weder auf dem Wege der herkömmlichen Bedeutungslehre (Semasiologie) noch auf dem Bezeichnungslehre (Onomasiologie) erreichbar... beide bekommen den Sprachinhalt nicht richtig in den Griff” 9

Êles atacam, aliás rudemente, meu pequeno apanhado sôbre a semântica, de 1957, aconselhando sua leitura por causa das notas bibliográficas! (10).

Acrescentemos que cêrca de 1930, Trier estabelece sua teoria do **campo** (11), que produziu resultados frutuozos, mas provovou também malentendidos. Em 1957, Wandruszka desiginou a teoria do **campo** como um **revés brilhante**.

Êste esbôço rápido e muito sumário das principais fases desta evolução nos mostra posições controvertidas de parte a parte; e parece-nos que é vindo o momento de fazer algumas reflexões acêrca da essência e dos fins dos métodos semasiológicos e onomasiológicos. Não são as considerações teóricas que me parecem decisivas, mas os fatos lingüísticos. Ê por isso para êles que nos tornaremos. Escolhamos por ponto de partida um exemplo concreto, utilizado pelo próprio Dornseiff contra a semasiologia. Cito:

“O grego **pónos**, o latim **labor**, o alemão arcaico médio **arebeit**, por ex.º, significam “pena (tormento, fadiga), dor”, mais tarde “esfôrço dirigido para certo fim”. O semasiologista salientará uma melhoria da significação, e concluirá, se pos-

(9) “Essa finalidade porém (a pesquisa do conteúdo da língua) não se pode alcançar nem através da Semasiologia (Bedeutungslehre) nem tampouco da Onomasiologia (Bezeichnungslehre)... as duas disciplinas não se assenhoreiam realmente do conteúdo da língua”.

(10) E realmente me sinto muito próximo da escola de Weisgerber, malgrado a diferença nas tônicas. Creio tratar-se sobretudo de mal-entendidos.

(11) Bruno Quadri, *ib.*, p. 149 e ss.

sível, por um progresso ético dêste gênero- Ah! Ah! o primitivo queixoso transformou-se em trabalhador (Dornseiff cita Lazarus Geiger, *Ursprung und Entwicklung der menschlichen und Vernunft*, II. Stuttgart, 1872, p. 191 ss.). Quem tira esta conclusão afirma ao mesmo tempo que os homens bons tornam o vocabulário igualmente melhor. Mas, em realidade os homens pronunciam as palavras quando querem expressar uma idéia, e nessa situação, devem servir-se das pa'avras que existem. Quando os homens quiseram exprimir, fazer com preender pela primeira vez que uma atividade consciente os fatigava, lançaram mão de uma das designações usuais da dor. A noção de "douleur avec index" (=trabalho) foi compreendida e se implantou. Mas êste ato criador mostra o homem num nível de ética do trabalho muito baixo. Aquêlê que considera a mudança de significação de uma pa'avra constata uma evolução no sentido de uma ética do trabalho. O que considera o modo de designação, constata que, por tôda parte, os homens inicialmente sentiram o trabalho na qualidade de dor" (*Der Deutsche Wortschatz nach Sachgruppen*, 2.^a ed., Introdução, p. 19).

Na verdade, Dornseiff acusa a semasiologia por uma resposta que sòmente a onomasiologia poderia dar. O que entretanto êle deixa de dizer, é que, ao contrário, a onomasiologia não poderia resolver melhor os problemas da semasiologia. Mas tempo é de abordar o caso concreto. Escolhi **travailer** invocado pelo próprio Dornseiff. Examinemos inicialmente o campo semasiológico e em seguida o campo onomasiológico do ant. prov. **trebalh**.

2. O campo semasiológico (campo das significações).

a) ant. prov. **trebalh**, **trebalhar**

Um rápido exame das duas obras fundamentais de Raynouard e de Levy é suficiente para pôr-nos diante de uma **multiplicidade** de significações; e um estudo mais minucioso faz-nos compreender que essas diversas significações não deixam de ter relações entre si. Elas se agrupam em tórno de um **nó de significações**: "peine, tourment". Conclui-se rapidamente que se trata de uma estrutura semasiológica, de um **campo de significações**. Levy agrupa, com efeito, uma trintena de atestações de **trebalh** e as dispõe sob 14 definições diferentes:

Significações do ant. prov. **trebalh** (segundo a ordem de Levy).

- 1) "supplice, torture". Levy dá apenas uma passagem, com ponto de interrogação. Jeanroy traduz corretamente, segundo nos parece, por "souci" (reportamo-nos portanto à significação 3).
- 2) "tourment, misère, fatigue": "auem establît per lo profit dous todz e... per esquiuar grans triballhs e mortz e dampnades, que..." Bayonne 1275, EtBay 61 (Archives Municipales de Bayonne, *Livre des Etablissements*, Bayonne, 1892, p. 61) ("nous avons ordonné, pour éviter grande misère, mort et malheur (dommage), que..."). Atestado com muita frequência.
- 3) "peine, souci, affliction, chagrin" (enfraquecimento semântico difícil de diferenciar da significação 2): "chens aver regoart... aus triballhs et vexations que lodit supplicant donne a le ciutat", Bayonne 1517 — (Archives Municipales de Bayonne, *Délibérations du Corps de Ville, Registres Gascons*, t. II, 1514-1530, Bayonne, 1898; p. 145) — ("sans tenir compte... des peines et des inconvénients que cause à la ville le solliciteur en question"). Atestado com muita frequência.
- 4) "douleurs de l'enfantement": "Verges humi's, aysi cum sens tribalh vos enfantetz" Joyas p. 39, v. 5 ("Vierge Marie, ainsi que vous enfantez sans douleurs"). Igualmente o verbo: "A femna quant trobalha de enfan que no pot enfanter" (*Recettes médicales alchimiques et astrologiques du XV^e. s. en langue vulgaire des Pyrénées*, publ. por Clôvis Brunel, Toulouse, 1956, p. 92) — (Receita para uma mulher que tem dores sem poder dar à luz). Atestado também no francês arcaico.
- 5) **trebal de la mar**, "enjôo": "La dona es greujaada per lo **trebal de la mar** (S. Marie Madeleine 565) ("A mulher foi tomada de enjôo"). Atestação única. Levy toma também em consideração a significação 9).
- 6) "effort militaire, combat": "Recomensa la **guerra el trabalhs el chapeliers**" Toulouse 13^e. séc., Crois. 8386 ("**guerre, combat et massacre recommencent**"). Atestado com frequência.
- 7) "controverse juridique, procès": "cum **contente e tribalh** fosse enter na R. bescomps et l'affar d'Orte de une part, et los ciutadantz et lo commun d'Ax de l'autre", Dax cerca de 1480 ("s'il s'élevait **dispute et controverse** juridique entre...). Atestado frequentemente nos documentos jurídicos.
- 8) "querelle, tapage, tumulte": "avian contrast plenier li frayre de Lerins denfra lo monestier, car volian élegir lur aministrador, e menavan antr'elz e **trebayll e cridor**", prov., cerca de 1300 ("Les moines de Lérins avaient grande querelle entre eux, car ils voulaient élire leur intendant e il se fit parmi eux un **gran tapage** (tumulte) et de hauts cris furent poussés"). Atestação única.
- 9) "agitation (de la mer)": "La mar, que esson luoc esta fera, e tal **trebalh** fa e tal **guerra**..." Such. Denkm. ("La mer, qui est souvent déchâinée à cet endroit, est si agitée et si remuée (literalmente: fait tel bruit de combat et bataille)"). Emprêgo metafórico da significação 6. Atestação única.
- 10) "bruit, chant (des oiseaux)...": "non aug d'auzelhs lo **trebalh**, Prov. Ined. (B. de Venzac), ("je n'entends pas le bruit (dispute, chant) des oiseaux"). Emprêgo metafórico da significação 6. Atestação única.

- 11) "travail": "Tot medge... prenen son salari... segon son tribailh Bayonne, 1336, EtBay 317 — ("Tout médecin reçoit son salaire selon la peine qu'il s'est donné"). A definição dada por Levy não exprime o elemento afetivo.
- 12) "peine (que l'on se donne)": "per lo trebalh so que vos playra" BAlpes 1420 (Paul Mayer, Documents linguistiques du Midi de la France, Paris, 1909, p. 285) — ("pour la peine, ce qui vous paraît raisonnable"). Enfraquecimento da significação 11.
- 13) "paiement pour une peine que l'on se donne": "desduth lo trebalh del governador" Cout. Rouergue, p. 168, v. 4. — ("déduit le dédommagement pour...").
- 14) "salaire?": "los deutors agen terme entro a Sent-Johan, exceptat de logueys de hostaus, de tribalh, de cens e rendas. Jur. Bord. 1409, ("les débiteurs auront un délai de paiement jusqu'à la Saint-Jean, loyers, salaires, cens et impôts exceptés"). A significação dada por Levy através de um ? parece justificar-se pela atestação frequente de **salari** et **trabalh**. A diferença entre 13 e 14 é apenas gradual.

O estabelecimento dos campos semasiológicos é a tarefa central de qualquer léxico alfabético e sincrónico. Eis aqui uma verdade banal que, como outras verdades banais, é frequentemente negligenciada, pelo menos em suas conseqüências. Vimos há tempos coligindo sistematicamente tôdas as atestações do gasção arcaico **trebalh**, **trebalhar**, para o nosso dicionário do gasção arcaico, atualmente em preparo. Já recolhemos mais de 1500 atestações (incluído o francês regional) que confirmam, em suma, a ordem de significações estabelecida por Levy à base de uma trintena de atestações; mas o nosso material, infinitamente mais amplo, permite-nos, além do mais, distinguir as aplicações e as significações correntes das significações esporádicas devidas em parte a uma preocupação de ordem estilística. Unicamente o contexto permite-nos escolher uma dessas 14 significações; o contexto exerce portanto um papel capital. O dicionário pode substituir um contexto por uma **definição**. Mas — e gostaria de insistir neste ponto — o próprio contexto nem sempre é suficiente quando se trata de um texto histórico, pois nosso senso moderno da língua inclina-nos a intervir em nossa interpretação de tais textos históricos. Tanto assim é que, na frase seguinte, extraída dos **Etablissements de Bayone (1336)**, somos levados a traduzir **tribailh** simplesmente por **trabalho**:

Tot medge... prenen son salari... segon son tribailh. (Todo médico recebe seu salário segundo seu trabalho).

Não resta sombra de dúvida que Levy teria disposto esta atestação sob o n.º 11, "travail". Com efeito, ela significa "trabalho", mas com um elemento aditivo *x* que não sobressai do contexto nem da definição de Levy. E reconhecemos êsse elemento *x* somente quando examinamos as atestações do n.º 11 "travail" em suas relações com a estrutura total do campo semasiológico do prov. arc. **trebalh**, e sobretudo em suas relações com o centro semântico de "peine, tourment". Únicamente o conhecimento da estrutura semasiológica nos desvenda, imediatamente, um elemento afetivo complementar. Não devemos pois traduzir por "travail", tomado em seu sentido moderno e objetivo, mas, por exemplo, por: "Tout médecin reçoit son salaire selon sa peine" [Todo médico recebe seu salário segundo seu esforço].

Com efeito, **peine**, prov. arc. **pena**, se encontra muitas vezes combinado com **travail** no francês médio, e a combinação **pena et trebalh** é atestada tão freqüentemente que em prov. arc. pode-se falar da um torneio estereotipado (12).

Êsse exemplo ensina-nos duas coisas: inicialmente, que o conhecimento da estrutura do campo semasiológico é de uma grande importância para a interpretação de qualquer contexto. É o único meio de desmascarar os "amigos falsos", isto é, as palavras que nos são atualmente familiares e que acolhemos com prazer quando as encontramos num texto histórico, mas que interpretamos mal, pois elas, por assim dizer, mudaram de alma no correr do tempo. Em segundo lugar, êsse exemplo nos conduz ao problema das palavras combinadas no mesmo contexto. Intencionalmente dei preferência às atestações "combinadas" para ilustrar as 14 significações distinguidas por Levy (v. acima, p. 6 ss.). É bem certo que as palavras combinadas com **trebalh** não são sinônimas — não há sinônimos no sentido estrito da palavra — mas elas prendem a palavra que nos interessa a tal campo semasiológico.

Tomemos, por exemplo, a significação 6) "combat, lutte":

(12) V. nosso artigo "Vom Affektwort zum Normalwort. Das Bedeutungsfeld von agask. *trebalh* 'Plage, Arbeit'", in *Etymologica*, Walther von Wartburg zum 70. Geburtstag. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1958, pp. 58-93.

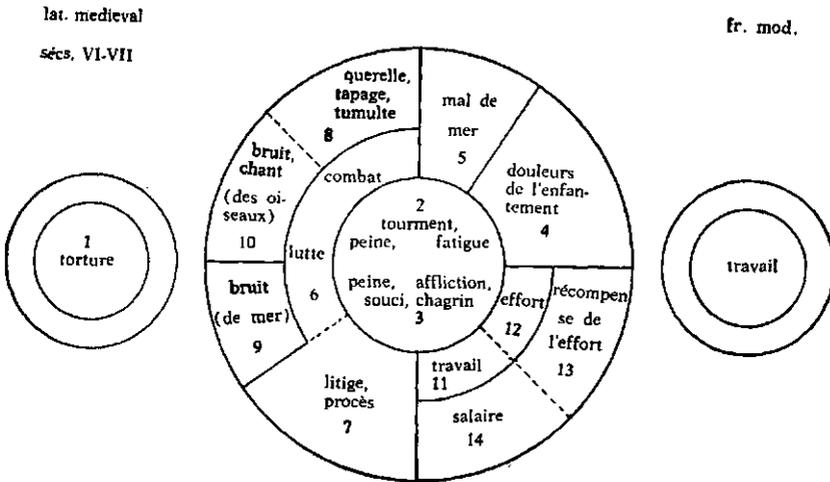
“*Recomensa la guerra el trebalhs el chapliers*” (séc. XIII, Toulouse, Crois. 8386).

Treball está enquadrado por **guerra**, “*guerre*”, e **chapiers**, “*carnages, massacres*”. O exame desta atestação faz-nos abordar outro problema ainda: a significação específica é-nos dada pelo emprêgo da palavra com a significação de “*peine*”, de “*tourment*” numa situação específica; em outras palavras, “*peine, tourment*” se transformam, em meios militares, “*lutte, combat*” (definição 6). O emprêgo da mesma palavra, com o mesmo nó de significação “*peine, tourment*”, em outra situação específica, nos dá a significação de “*douleurs de l’enfantement*” (definição 4). A significação geral, a base, vê-se assim limitada ou restringida pela utilização da palavra numa situação muito precisa. O emprêgo da palavra numa situação precisa condiciona uma nova significação, o que exige, no dicionário, uma definição nova. Esta limitação da significação, devida ao emprêgo da palavra numa situação particular, corresponde ao fato conhecido do encurtamento da significação quando da passagem de uma palavra da língua comum a uma língua de profissão ou a uma terminologia especial. Surpreendemos aqui o funcionamento da língua ao vivo. Se nos servimos de uma palavra em uma situação particular, esta palavra adquire por isso mesmo um matiz que deriva da situação. Tratar-se-á então de nuança estilística ou de nova significação? Não existe nisto, com efeito, um limite preciso. Dito de outra maneira, a diferenciação entre uma **nuança estilística** e uma **nova significação** é uma questão de grau e não de princípio.

Pôsto que ainda houvesse muito que dizer da estrutura semântica de uma palavra — poder-se-ia, por exemplo, deduzir daqui resultados respeitantes à estilística — uma coisa é certa, e é que nos reportamos a uma **estrutura semasiológica**, a um campo semasiológico. Não é por acaso que Pierre Guraud afirma, a propósito justamente da estilística: “*Tôda palavra é formada de um nó semântico mais ou menos denso ou mais ou menos volumoso cercado por uma auréola de associações secundárias, afetivas ou sociais*” (*La Sémantique*, Paris, 1955, p. 112). A significação particular é incor-

porada orgânicamente no campo de significação. A estrutura dêsse campo não pode ser estabelecida senão após um estudo aprofundado de grande número de contextos. Fixei os resultados de meu estudo das significações de **treball** no esquema estrutural seguinte:

Campo semasiológico de **treball** em prov. arc. (12a).



Se compararmos êste corte sincrônico a um corte correspondente no francês arc., constataremos então a existência do mesmo nó, todavia com certas diferenças no que concerne ao emprêgo específico, vale dizer, às significações secundárias. Ditas significações secundárias podem nascer espontâneamente e em qualquer momento do emprêgo da palavra em uma situação particular, repito. Há entretanto um setor que será de uma importância decisiva para o desenvolvimento futuro,

(12a) As cifras reportam-se aos números de significação em Levy — *Altprovenz. Supplement-Wörterbuch*. Em port.: 1 — tortura; 2 — tormento, pena, fadiga; 3 — pena, aflição, preocupação, desgosto; 4 — dores de parto; 5 — enjojo; 6 — combate, luta; 7 — litígio, processo; 8 — querela, algazarra tumulto; 9 — estrondo do mar; 10 — gorjeio, canto das aves; 11 — trabalho; 12 — esforço; 13 — recompensa pelo esforço; 14 — salário.

mas que, no francês arc., delineia-se fracamente, e é o da significação “peine en vue d'un travail rémunéré” (que se transformou no nosso sentido atual) (13).

É aqui que intervém a geografia lingüística. Ela deve indicar-nos se, quando e em que situações históricas e culturais êsse emprêgo específico e corretamente atestado no Sul, desde o séc. XIII, atingiu o norte e se inseriu na estrutura semasiológica do fr. **travail** (ou mostrar, ao contrário, que se trata de uma evolução semasiológica independente).

Isto nos fêz deixar o lado sincrónico e nos conduziu à questão do desenvolvimento do campo semasiológico. Um corte ao longo da estrutura moderna do francês **travail**, **travailler** apresenta-nos uma imagem totalmente diversa. A significação “peine en vue d'un travail rémunéré” passou da periferia do campo para o centro; **travail** perdeu sua afetividade ao longo dêsse processo, porque não pode mais relacionar-se com o centro afetivo “peine, tourment”. Forma-se uma estrutura semasiológica ao redor do nôvo centro “travail”, tal como vem nos dicionários franceses modernos, tanto quanto êles seguem realmente o sentimento lingüístico sincrónico da atualidade, e não o sentimento lingüístico histórico-etimológico. Certos vestígios do campo semasiológico antigo subsistiram — como é freqüentes vêzes o caso na complicadíssima vida da língua — em determinados casos estilísticos e em certas terminologias técnicas.

De uma palavra como **muer**, não se têm hoje em dia senão três dêsses vestígios (significa “mudar de voz”, “perder o pêlo, renovar a pele”, e “perder a ramagem”). Tais vestígios não

(13) Encontra-se já numa das primeiras versões do *Saltério de Oxford*: “Si nostre Sire ne edificier la maison, en vain travaillèrent chi edifiant li” (traduzido do latim: *in vanum laboraverunt*), mas falta a noção do trabalho (remunerado), atestado nos documentos do prov. arc.; *travailler* exprime sômente “effort” feito para um fim. V. também, a êste respeito, Guido Keel — *Laborare und operari. Verwendungs — und Bedeutungsgeschichte zweier Verber für “arbeiten” im Lateinischen und Galloromanischen*. Tese de Letras. Bern, 1932 (publicada em 1942), p. 87. «É sômente mais tarde que o verbo *travailler* ... penetra ua língua escrita como expressão mais universal e mais geral de “travailler” e isso acontece especialmente com o início da época clássica do francês mod.” Keel pretende, é verdade, que a significação moderna tenha aparecido pela primeira vez no *Roman de la Rose*, mas um contrôle de numerosas passagens convenceu-nos que se trata sempre do sentido antigo de “tourmenter, faire souffrir”.

mais apresentam laços entre si, em nossos dias, porque o centro semântico “transformar” (em latim *mutare*) desapareceu e foi substituído por **changer**. **Muer** não criou um novo centro. Já não há, portanto, estrutura coerente. O que nos resta são vestígios isolados. **Travailler**, pelo contrário, criou um novo centro semântico: é **travailler**, “arbeiten”. Mas então o que é que se passa com os vestígios do campo semasiológico arcaico? Orientam-se para um novo centro. Sua motivação muda: há portanto uma espécie de etimologia popular. Encontrar-se-ão assim atualmente — no Larousse de 1949 — frases como **la fièvre le travaille**, “o atormenta”, ou **travailler un cheval**, “fatigá-lo”, como dando seqüência à significação “travailler”. Isto é indubitavelmente conforme à língua atual que, histórica e lingüisticamente, não se deformou. Os franceses de hoje interpretarão **travailler un cheval** “fatigá-lo” no sentido de fazer que êle trabalhe demais, extenuá-lo pelo trabalho. Em verdade, temos aqui um resto, conservado na terminologia técnica, do antigo campo de radiação de “tourmenter”. No Larousse esta significação é precedida — e a ordem das significações é significativa! — por um “sentido primeiro: **travailler un cheval** “exercitá-lo, guiá-lo”. Historicamente a primeira significação deriva da segunda; atualmente, faz-se derivar a segunda da primeira. Estamos pois diante de uma relação invertida. Os franceses de agora igualmente se representam, ao ouvir a frase **la fièvre le travaille**, que a febre “age sobre êle”.

Os vestígios do campo antigo, portanto, orientam-se para o novo campo semasiológico. Nossas considerações prévias evidenciam os aspectos essenciais da semasiologia tanto quanto suas tarefas mais urgentes. Primeiramente, a semasiologia não tem um caráter linear individual; ela trata de uma *estrutura*, da estrutura semasiológica precisamente, que, conforme o caso, pode ser muito complicada ou muito simples. Ela confirma inteiramente a teoria que, desde Saussure, ganha mais e mais autoridade, deve-se aprofundar as relações estruturais da língua. A semasiologia ao mesmo tempo incorpora-se no sistema do eixo sincrônico-diacrônico de Saussure: o ponto de partida é sempre o aprofundamento da *estrutura sincrônica*, ou, mais precisamente, das estruturas sincrônicas que diferem segundo as épocas e os lugares.

Sòmente o aprofundamento da estrutura semasiológica permite uma interpretação segura dos textos. A êste respeito lembro que à palavra-base com sua significação central acres-

centa-se uma nuance especial segundo a situação na qual ela é empregada, ou, se se prefere, uma significação mais ou menos afastada do nó da significação. Quando digo que isto depende da **situação**, quero dizer ao mesmo tempo que isto depende do meio, da situação social e do ofício daquele que se exprime.

Nossa tarefa consiste em tentar determinar em que natureza de estilo, em que camada social ou em que ofício nasce uma nova significação, e a que fatores históricos e culturais ela está ligada. Daqui passamos pois diretamente do problema sincrônico ao problema diacrônico, isto é, à segunda tarefa principal da semasiologia: o estudo da modificação da estrutura semasiológica — no caso de **travail**, a passagem do campo que tem por centro “peine, tourment” para o campo cujo centro é “travail”. O desenvolvimento se dá inicialmente em certas camadas sociais e artesanais. Unicamente o método semasiológico permite, à base de um grande número de contextos, estudar de modo aprofundado as generalizações da significação específica, vale dizer, a passagem da periferia para o centro, e portanto a modificação semasiológica estrutural (14).

Não se pode pois absolutamente falar da semasiologia como de um “falso caminho, de um derradeiro prolongamento duma concepção lingüística ultrapassada”, nem dizer que ela está “ainda ligada ao verbalismo aristotélico da Idade Média”, como quiseram nos fazer acreditar Weisgerber e Dornseiff.

Mas desde que examinamos a translação do antigo centro semasiológico para o novo centro semasiológico, ou, para nos exprimirmos de maneira mais concreta, a passagem da antiga significação central “tourmenter, peiner” para a nova significação central “travailler”, nós abordamos um novo problema de que não nos ocupamos até aqui, problema que consiste em saber se e de que modo o desenvolvimento da significação modificou ou abalou o sistema lexicológico. Que se

(14) Nossas considerações coincidem allás com as de P. Guiraud; cf. *La Sémantique*, ed. cit., p. 30 e ss. Ele distingue quatro tipos de associações: *sentidos de base* (ver acima, *nó semasiológico*) e *sentido contextual*, no plano semasiológico, *valor socio-contextual*, e *valor expressivo* no campo estilístico. “Segundo os indivíduos e as circunstâncias, produzem-se no interior da palavra mudanças constantes entre essas diversas associações. A função das três associações subsidiárias está em precisar e colorir o sentido de base, mas elas podem com seu desenvolvimento deformá-la, sufocá-la e até mesmo substituir-se completamente por êle; êste é o problema dos deslizamentos de sentido”. *Ib.*, p. 31; ver também pp. 26 e ss, 61 e ss.

disse outrora em lugar de “travailler” e que se diz atualmente para expressar a idéia contida em “tourmenter, peïner”? Não é mais sôbre as significações que interrogamos, mas sôbre as designações, e nos dirigimos a considerações do mesmo problema do ponto de vista onomasiológico.

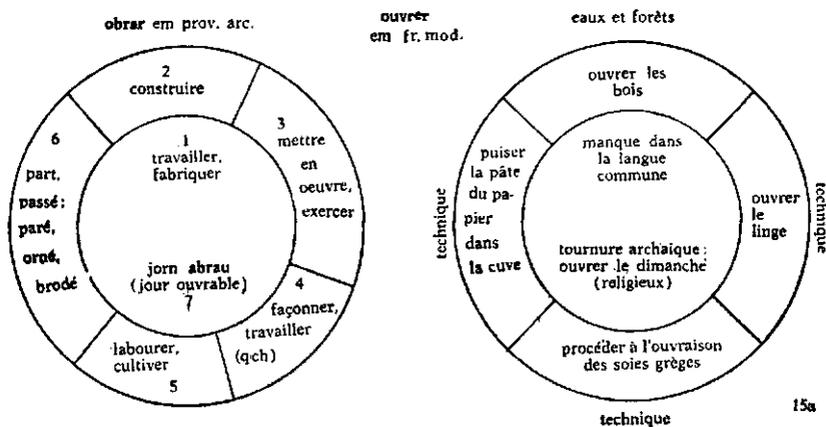
3. O campo onomasiológico (campo das designações).

Embora seja fácil reconhecer o campo semasiológico do prov. arc. **trebalh, trebalhar** — pelo menos sua estrutura elementar — basta, com efeito, abrir o dicionário de Levy para ter disto uma primeira idéia — é muito difícil obter uma imagem clara da estrutura onomasiológica. Falta um dicionário do prov. arc. — tanto quanto um dicionário do francês arc. — baseado sôbre a onomasiologia. Aliás, creio que G. de Poerck prepara um dicionário onomasiológico do francês arc. (cf. **RLIR** 21, 1957, 330), e nós mesmos preparamos um dicionário onomasiológico para o prov. arc. Por ora é ainda necessário ler todos os oito volumes de Levy e os cinco volumes de Raynouard para se ter uma idéia do campo onomasiológico no prov. arc. Pois bem, nós o fizemos e encontramos sete ou oito designações diversas para “travailler”; ao lado de **trebalhar**, tem-se igualmente **obrar, laborar, manobrar, besonhar, brasseyar, afanar** (15).

No que concerne a **trebalh, trebalhar**, vimos que **trebalhar** podia significar “travailler” já no prov. arc., mas notamos ao

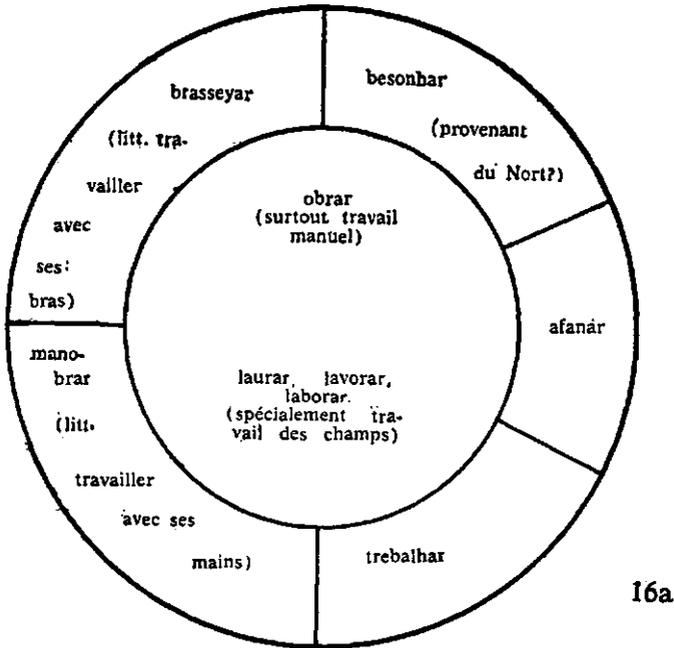
(15) Levy traduz também o prov. arc. *manejar*, que aparece em Guiraut de Bornelh, por “behandeln, bearbeiten”, embora o passo (G. de Bernelh, p.p. A. Kolsen 1, 1910, p. 424) mostre claramente que *manejar*, nesse emprêgo isolado e figurado nada tem a ver com nosso campo de designações. Também essa significação não figura mais no *Petit Dictionnaire Provençal — Français*. O prov. arc. *vucar*, raramente atestado antes de 1500, aproxima-se mais dêle: “ter tempo para alguma coisa, ocupar-se de alguma coisa” (no FEW definido por “estar ocupado, trabalhar”, ver 14, 95 a). Em compensação, o substantivo *maltrack* m. tem o sentido de “esfôrço, pena, trabalho, ganho obtido por seu trabalho”, o que é exatamente paralelo a *trebalh*. É atestado com muita freqüência em Limoux. As atestações mencionadas por Lv, acrescentamos ainda as seguintes: “Item can le sestier del froment costa de comprar. ii. sols, et hom dona azaquel o ad aquela qu’i vol pastar per far pa vendal. .ii. sols per so *maltrayt* et per so *guasanh*” (cêrca de 1300. Manuscritos Consulares de Limoux, 222); “Item can le sestier del froment costa .ii.j. sols. hom dona *entre gasanh e maltrayt* .ij. sols” (ib. e *passim*); igualmente, porém mais raro: *entre maltrayt e guasanh*; e também nos mesmos documentos de Limoux, *trebalh*: “enclus lo *trebalh* de .ij. sols que hom dona” (1459, ib. 226). O editor comenta, à p. 221: “Tanto por seu trabalho (*maltrayt* = sua pena) como por seu proveito”.

mesmo tempo que êle não era ainda a palavra normal, objetiva para "travailler", uma vez que sublinhava além do mais a pena ligada ao trabalho, de uma maneira afetiva. Era uma significação marginal do campo semasiológico de "tourmenter, peiner". Tal lugar semasiológico determina ao mesmo tempo a posição que ocupa "travailler" no campo onomasiológico e, o que é mais, **esta determinação semasiológica é a condição da determinação onomasiológica.** Dito de outro modo: para precisar as relações recíprocas dos sete verbos mencionados para "travailler" (digamos ainda: para ser capaz de reconhecer a estrutura onomasiológica), é muito necessário determinar, para cada verbo, o lugar semasiológico da significação "travailler" na totalidade do campo semasiológico. Aplicamos tal princípio no caso de **treballh**. Limito-me portanto a caracterizar sumariamente a estrutura semasiológica diferente do prov. arc. **obrar** segundo as significações que Levy lhe dá:



(15a) No círculo da esquerda: 1 — trabalhar, fabricar; 2 — construir; 3 — pôr em trabalho, exercitar; 4 — talhar, trabalhar algo; 5 — lavrar, cultivar; 6 — particípio passado; enfeitado, ornado, bordado; 7 — jorn obrau, "dia de trabalho". No círculo da direita, centro: falta na língua comum; torneio arcaico: trabalhar no domingo (religioso). Seguindo o movimento dos ponteiros do relógio, a começar pelo quadrante do alto: lavrar a madeira, trabalhar o tecido, proceder ao preparo da sêda crua, secar a pasta do papel na cuba.

Neste caso, a significação “travailler, produire, fabriquer” encontra-se no centro do campo. Desde Plínio, com efeito, **operari** tinha tomado o sentido de “travailler, oeuvrer” sobretudo para os trabalhos manuais e o comércio, como, por exemplo, o cinzelamento e a tecelagem, v. FEW 7, 368 (16). As significações “orner, garnir, construire, ouvragier, etc”, que se movem ao redor do centro, explicam-se pelo emprêgo do verbo com sua significação central, em tal situação ou tal meio. Di-



(16) “Operari, contrariamente a laborare, possui desde o começo o sentido de “travailler”: Keel, o. c., p. 31. (Ver também p. 52: “Operari no sentido de “travailler” pertencia sobretudo à esfera urbana, portanto à língua da população citadina que trabalhava na indústria e no comércio. Foi ali utilizada por todos com o sentido de “travail quotidien”, depois transitivamente e intransitivamente, sobretudo por “occupation artisanale”, em alguns ramos especializados da indústria como a tecelagem, a escultura e a ferraria artística. Até mesmo o tipo agrícola representa um urbanismo ou um helenismo pouco usual entre os camponeses”).

(16a) No centro do círculo: obrar (sobretudo trabalho manual); laurar, lavorar, laborar (especialmente trabalho do campo). Em seguida, pelo mesmo critério: besonhar (proveniente do Norte?); afanar; trebalhar; manobrar (literalmente, trabalhar com as mãos); brasseyar (literalmente, trabalhar com os braços).

zíamos há bocado que o lugar semasiológico determina ao mesmo tempo o lugar onomasiológico. Em nosso caso, encontramos a significação "travailler" no centro semasiológico; reencontraremos portanto também **obrar** com esta significação, no centro do campo onomasiológico. Uma análise do campo semântico das sete designações de "travailler" permite-nos reconhecer uma estrutura onomasiológica bastante semelhante à da estrutura semasiológica que já conhecemos, com um centro e elementos lexicais, desta vez situados ao redor desse centro, o que significa que desta vez os elementos de base não são mais significações senão designações.

Nossa análise faz-nos descobrir, e o leitor poderá notá-lo através do esquema, que há dois verbos no centro, a um só tempo: **obrar** e **laborar**. Não há sinônimos, é verdade, e o texto nos indica que as esferas dos dois verbos se cruzam diversas vêzes, praticamente, mas indica também que **obrar** designa sobretudo o trabalho dos artesãos, e **laborar** sobretudo o dos camponeses (17). As palavras situadas ao redor do cen-

(17) *Laborare* tornou-se em italiano a palavra normal para *travailler* e percorreu o mesmo caminho (ainda mais cedo), passando da significação periférica afetiva para a significação central objetiva; ver Guido Keel, *Laborare und Operari*, ed. cit., p. 3 e ss.: "*Laborare* se construiu sobre o substantivo *labor*, que vem de *labi*, com o sentido original de "deslocação física que exige um esforço" (com deslizamento, vacilação). O conteúdo primeiro desse verbo era pois o fato de se encontrar na situação difícil designada por *labor*; mas ele foi logo empregado no sentido mais geral de "supporter l'effort, se fatiguer, être harcelé"...", p. 6. O lat. medieval *laborare* pode ter a significação secundária "combattre" como *trabalhar* no prov. arc. (*ib.*, p. 10). *Laborare*, no sentido de "travailler (afetivo)" já é atestado em Plauto, Catão e Varrão (*ib.*, p. 19). O verbo designava inicialmente, nas baixas classes populares, a ocupação que se ressentia como uma "affliction" particular. É evidente que isso dizia respeito menos em relação aos trabalhos da cidade, o artesanato e a indústria (ver *operari*) do que em relação aos trabalhos do campo — tanto o dos homens como o dos animais — que fadigam o corpo o dia inteiro. Constata-se pois o fato de que a maioria das atestações vulgares de *laborare* no sentido de "travailler" têm um caráter rural (p. 19; sobre a influência da Igreja, ver também a p. 60). Sobre as relações entre as formas *laurar*, *laorar*, *lavorar* e a forma *laborar*, de empréstimo, veja Keel, pp. 54 e ss.

tro podem ser classificadas em dois grupos. O primeiro grupo com **trebalhar** (18), **afanar** (19) e talvez ainda **bezonhar** (20) acrescente à significação "travailler" um momento afetivo de

- (18) Um paralelo exato com a antiga fase de desenvolvimento de * *treballare* é o eslavo da Igreja *maciti*, "martirizar, supliciar, torturar" > romeno *a munci*, "trabalhar duramente"; v. Keel, p. 20.
- (19) *Afanare é indígena, particularmente na França*. Cf. Vittore Pisani — "Relitti Lessicali Oscumbri nelle Lingue Romanze", in *Romanica* (Mélanges Rohlf), 1958, 377 e ss. No sentido de "trabalhar" e designando os trabalhos do campo, não é conhecido na Itália, nem na Península Ibérica; mas de outro lado é encontrado com o sentido de "tourment, affliction"... 1, 48. O prov. arc. *afanar* significa "fatiguer, chagriner, prende peine" (Rn), tanto quanto "gagner quelque chose à grand peine" (Lv); *afanier*, "travailleur", *gen d'afan*, "travailleur, gens qui travaillent" (ao lado de *afan*, "peine, chagrin", *afanamem*, "fatigue, peine", *sobrafan*, "grand chagrin" Rn). A significação "se fatiguer à un travail pénible" é também atestada por dialetos, FEW 1, 47. Segundo Keel, o. c., p. 19, * *afannare* é "o paralelo mais preciso de *laborare* através da mudança de significação de "avoir de la peine" para "travailler, faire des travaux de campagne".
- (20) Segundo Gamillscheg, a raiz direta do francês arc. *besogne* e do prov. arc. *besogna* seria o frânc. * *bisunnja*, equivalente do gót. * *bisunja*, no sentido de "soins"; nesse caso, a objetivação do conceito teria conduzido ao emprêgo medieval de "nécessité, indigence". Foi daqui — tanto como ocorreu com o lat. *labor* — que resultou o sentido de "travail" pensoso e, finalmente, de "travail" simplesmente. Foi sobre esse substantivo — novamente como no caso do lat. *laborare* tirado de *labor* — que o verbo *besognier* teria sido construído já na época galo-romana pré-literária, com a significação primeira de "être dans le besoin, la misère" ou "avoir besoin de soins", Keel, o. c., p. 119 (segundo Keel, igualmente o conteúdo original de um estado de "nécessité, tourment, peine, misère" evoluiu até significar "travailler", *ib.*). *Encontra-se pela primeira vez a significação "être affairé, travailler", etc. no Roman de la Rose, isto é na segunda metade do séc. XIII. Ela difunde-se em seguida na época do francês médio, ib., p. 120*. Esta opinião é criticada por Wartburg, FEW 17, 282, nota 24. *Bezonhar* e *besonha*, no sentido de "travailler, travail", entre outros, são atestados tardiamente no prov. arc. (faltam em Lv; Rn cita apenas uma passagem da crônica dos Albigeneses, que não tem um grande valor lingüístico; as atestações em nossos materiais do gasc. arc. partem somente de 1483; Meyer Doc. p. 637, atestação de 1607). Por se haverem tornado no francês médio *besogne* e *besogner* o primeiro concorrente sério de *ouvrer* (ver Keel, p. 119 e ss.), seria necessário perguntar se não há uma irradiação do norte da França (a pressão da língua escrita do Norte sobre a do Sul se faz sentir muito fortemente após 1450, ver A. Brun — *Recherches Historiques sur l'Introduction du Français dans les provinces du Midi*; Tese de Letras, Paris, 1923, XV + 505 pp.). Por essa razão, *besogner* não seria somente um paralelo semântico de *travailler*, mas também sua réplica lingüístico-geográfica: *travailler* foi objetivado no Sul, e subiu talvez para o Norte, *besogner* o foi no Norte e desceu para o Sul. Em ambos os casos requerem-se cuidadosas pesquisas. A proveniência do norte da França foi confirmada agora pelo FEW 17, 275 e ss., tanto quanto a origem frâncica.

“peine”; o segundo grupo especificava a significação central numa direção objetiva precisa. **Brasseyar** significa “trabalhar com os braços” (21), **manobrar** (22), na origem, “trabalhar com as mãos”, depois sobretudo “trabalhar numa construção” ou “ser da corvéia”, no sentido da Idade Média, a despeito da significação geral de “travailler” dada por Levy. Este duplo aspecto das designações que cercam as palavras normais do centro, lembra-nos os dois esquemas que von Wartburg nos deu, em 1937, tratando de outro assunto: a palavra normal está cercada de uma parte “por outras palavras normais, que designam as noções secundárias do mesmo semântico”, de outra parte, “por sinônimos burlescos ou carregados de afetividade” (23).

O campo onomasiológico do francês arc. **travailler** assemelha-se ao do prov. arc., mas até o séc. XIV falta-lhe a palavra **travailler**, falta no campo onomasiológico tanto quanto a significação “travailler” faltava no campo semântico.

No francês mod., **travailler** está no centro do campo onomasiológico “travailler”; êle corresponde ao lugar central da significação no campo semasiológico de **travailler**. De outro lado, **ouvrer**, atualmente, não passa de um edifício em ruínas; encontram-se vestígios dêle ainda, como por exemplo no torneio **ouvrer le dimanche**, que aliás tem um valor estilístico particular, ou ainda **ouvrer les bois** “les préparer en forêt”, que é um termo técnico das águas e florestas. Outro vestígio

(21) Encontra-se *brasseyar* nesse sentido apenas no bearnês arc., e raramente atestado, tanto quanto *brasse* s. f., “travail des bras” (*oiven de lor brasses*, séc. XIV, Lespy-Raymond); mas, bem mais difundido, *brassier* (“manouvrier, elul qui travaille de ses bras, homme de peine” (Coutumes de Condom e V. e Vert., Rn; FEW 1, 486 a).

(22) FEW 6, 283; francês arc. *manoverer* v. n., “travailler” BenSMAure, *manoverer* (1303, DC), francês médio *menevre* m., “ouvrier qui travaille de ses mains” (Blois 1449), ...; francês *manouvrier* m. “ouvrier qui travaille de ses mains et à la journée” (desde 1189; ‘vieillit’ Ac 1935)...; prov. arc. *manobrier* (Martel séc. XIII, RPh 8, 289), lim. arc. *manobreir*, gasc. arc. *manaobrer*, bearnês, arc. *manobré*, etc. Em gascão arc., por exemplo: *ayan a obrar e a manobrar tot lo forn* (no sentido de “corvéie”), 1366, Arch. Gir. 51, 199; *IX forn de manaobra* (“corvéie”) 1412 Gers, Arch. Gir. 29, 305; *foc ordenat que hom agos manahobra a la carrera deu C.* 1448, Arch. Gir. 32, 73; etc.

(23) W. von Wartburg — «Betrachtungen über die Gliederung des Wortschatzes und die Gestaltung des Wörterbuchs», in *ZRPh*, 57 (1937), 297 ss.

como **jours ouvrables** buscou contacto com **ouvrir** (para um francês, os “jours ouvrables” são os dias em que as lojas estão abertas): etimologia popular devida à perda do nó semasiológico de **ouvrier**. Ouvrier portonto perdeu seu centro semântico da língua normal. Sòmente **ouvrier** ficou no centro do campo onomasiológico, e êste fato nos conduz à estrutura morfológica, a novos problemas, que não se de interêsse menor. Além do mais, “travailler” ainda hoje está cercado por um grande número de palavras afetivas: **turbiner, trimer, piocher, bûcher, boulonner, bosser**, etc. (a gíria nos daria uma vintena), assim como em alemão a palavra **arbeiten**, suíço-alemão **schaffe** está cercada por **krüppeln, schuften, schanzen, oxsen, schindèn**, (suíço-alemão **chrampfe**), etc.

Conseqüências fáceis de conceber nascem das considerações sòbre o desenvolvimento do campo de designações da noção “travailler”; o paralelismo com a semasiologia é surpreendente. A onomasiologia estuda igualmente uma estrutura, isto é, as posições recíprocas das diferentes designações e por isto reconhecemos, como no caso da estrutura semasiológica, um centro de um ou de diversos pólos com um campo objetivo, afetivo ou misto ao seu redor. Encontram-se igualmente problemas sincrônicos e problemas diacrônicos em relação com os dois campos.

4. A interdependência das duas estruturas

Sòmente agora, por têrmos uma idéia das duas estruturas, tomando como exemplo a palavra **travailler** com sua estrutura semasiológica e a noção “travailler” com sua estrutura onomasiológica, é que podemos colocar a questão de sua interdependência e, ao mesmo tempo, de sua existência, de suas possibilidades e de seus limites. As duas estruturas se entrecruzam sutilmente. O prov. arc. **trebalh**, para exprimirmo-nos concretamente, se introduz graças à sua significação secundária “peine en vue d'un travail”, no campo onomasiológico das designações de “travail”. A posição no campo semasiológico (caracterizada pelo elemento afetivo que aparece nas relações com o centro do campo semasiológico, donde a significação central “peine, tourment”), determina ao mesmo tempo a posição no campo onomasiológico: encontra-se, aqui também, na circunferência com um valor afetivo.

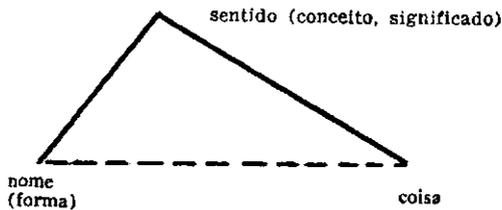
Êsse fato, constatado no plano sincrônico, pode ser de uma importância decisiva quando se passa da perspectiva sin-

crônica para a perspectiva diacrônica. Von Wartburg insistiu diversas vezes, e sobretudo quando de sua discussão com Gillieron, nas forças criadoras que agem sempre sobre a língua, mesmo que não haja conflitos homonímicos ou outros (24). Ele insiste no fato de que as palavras afetivas ou objetivas que acompanham uma palavra normal estão sempre prontas a substituí-la se esta se tornar vítima de um acidente. Não é necessário recordar o caso de **gallus** e **cattus**: foi uma palavra do círculo afetivo, **biguey** = **vicarius**, o manda-chuva da aldeia, que salvou a situação. A palavra afetiva, criada já antes do conflito, tornou-se palavra normal na necessidade. Foi do mesmo modo que **chef** foi substituído por **teste**, palavra afetiva, etc., etc. . . Estas mudanças foram apenas possíveis graças à interdependência das estruturas semasiológica e onomasiológica. O campo semântico de **biguey**, "sacristão", graças à sua significação secundária e afetiva de "galo", fazia ao mesmo tempo parte da estrutura onomasiológica das designações para o galo. No campo onomasiológico, **biguey** era uma designação marginal, afetiva em sua origem. Ela adquiriu a posição central quando se começou a evitar **gat**, a antiga palavra normal, pois o galo concertava mal com o gato. Mas voltemos ao ponto, isto é, ao nosso **travail**. **Trebalhar**, do séc. XIV ao séc. XVII, deslocou-se lentamente em direção do centro do campo onomasiológico "travailler". Ao mesmo tempo e paralelamente, a significação "travailler" se deslocou lentamente para o centro do campo semasiológico de **travailler**. Pois as deslocções diacrônicas se produzem do mesmo modo e simultaneamente nas duas estruturas.

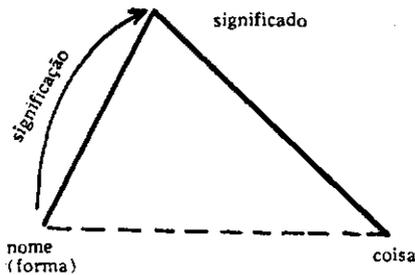
Esta interdependência de duas estruturas, constatada no caso de **travailler**, deve ter profundas razões, razões que decorrem da própria estrutura da língua. Com efeito, já Sausure, através de sua teoria sobre o signo lingüístico, tinha preparado uma explicação teórica. Há uma dezena de anos, Ullmann, baseando-se em Suassure e em outros teóricos (so-

(24) "Das Ineinandergreifen von deskriptiver und historischer Sprachwissenschaft", in *Berichte über die Verhandlungen der sächsischen Akademie der Wissenschaften zu Leipzig*, Philol. — hist. Klasse 83, 1 (1931), 1-23.

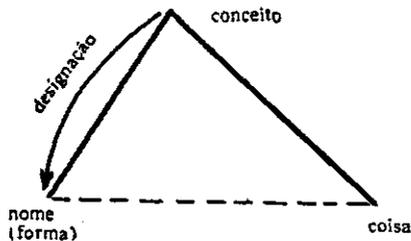
bretudo Ogden e Richards), dispôs seu famoso triângulo (coisa, sentido, nome) no centro de sua semântica (24a):



Baseia-se êste esquema em que cada signo lingüístico e cada palavra se compõe de dois elementos: forma e conteúdo. A significação liga a forma ao conceito:

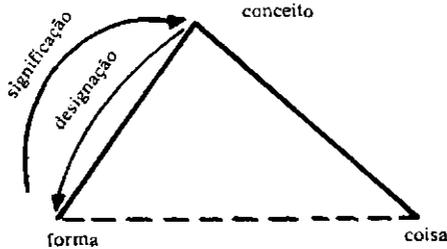


O nome liga-se à coisa através do conceito. A significação está sempre ligada à forma (ao nome). De outro lado, o conceito é designado por diferentes formas (diferentes nomes). A designação vai do conceito à forma (ao nome).



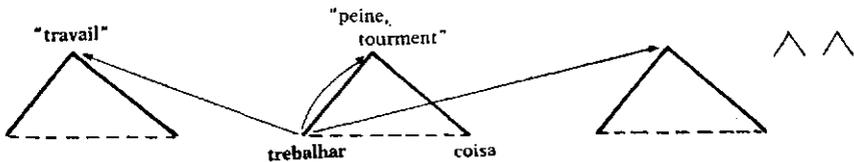
(24a) V. agora o importante artigo de Klaus Heger "Die methodologischen Voraussetzungen von Onomasiologie und begrifflicher Gliederung", in *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 80 (1964), 486-516, que discute o triângulo de Ulmann propondo-lhe importantes modificações.

Cada vez que nos ocupamos com as palavras e sua evolução, encontramos-nos com êsses dois elementos e suas relações, isto é, o nome e o conceito, a significação que parte da forma (nome) para atingir o conceito e a designação que parte do conceito para atingir a forma (nome).



Estas relações permitem-nos compreender melhor a interdependência entre a semasiologia e a onomasiologia (25). Cada evolução lexical produz-se nesses dois planos (26).

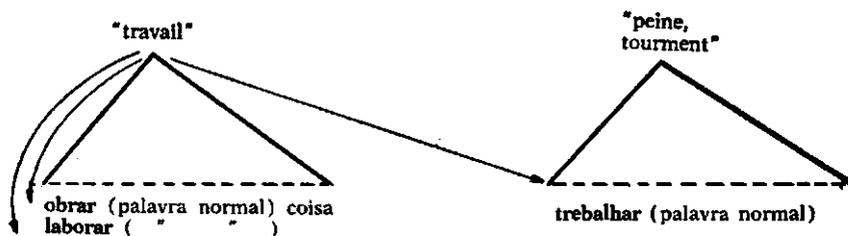
Vimos que não é de dois elementos isolados que se trata, mas de duas **estruturas**, e é pois nesse sentido que devemos completar nosso esquema: uma palavra (normalmente) tem diversas significações, quer dizer que as flechas levam a diversos conceitos:



(25) Ver, no mesmo sentido, P. Guiraud — *La Sémantique*. Paris, 1955, pp. 108-109: "pode-se, estudando as palavras, partir seja da forma significante (semasiologia), seja da coisa significada (onomasiologia), o que constitui sobretudo dois pontos de vista do que duas partes autônomas da semântica sob suas diversas formas". Guiraud, *ib.*, insiste na necessidade de uma clarificação da terminologia. Sobre a dupla significação do termo "semasiologia", ver também nosso estudo *La Sémasiologie*, 1957, p. 11, nota 22.

(26) Em cada plano com um duplo aspecto. É assim que Ulmann distingue, em cada um dos dois planos, duas espécies de associações, a *associação por semelhança* (Guiraud: *similarité*) e a *associação por contigüidade*. "Un chapeau me fait penser: Ia à *casque*, à *déret*, etc., similarité de sens; IIB à *tête*, à *veston*, etc., contigüité de sens; IIa à *chapelle*, *chapon*, *drapeau*, *crapaud*, similarité de nom; IIB à *claque*, à *melon* par contigüité de nom dans des expressions du type *chapeau-claque*, *chapeau-melon*", Guiraud, *ib.*, p. 45. Acrescentemos a isto a mudança da coisa quando a designação continua a mesma, desenvolvimento extralingüístico que tem por consequência a mudança do aspecto conceitual e, a partir daí, semântico também.

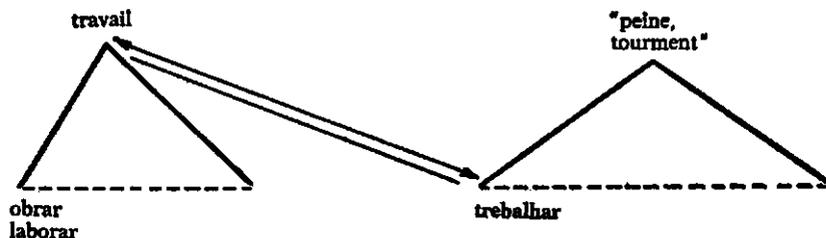
Inversamente, o conceito "travail" é designado por diversas designações:



Desta forma, as duas estruturas, onomasiológica e semasiológica se entrecruzam, como constatamos com **travailler**.

A estrutura **onomasiológica** é baseada na **sinonímica**, a estrutura **semasiológica** é baseada na **polissemia**. A onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do **que fala**, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do **que ouve**, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que êle entende dentre tôdas as significações possíveis.

O fato já constatado de que a posição no campo semasiológico determina ao mesmo tempo a posição no campo onomasiológico encontra igualmente uma explicação no nosso esquema:

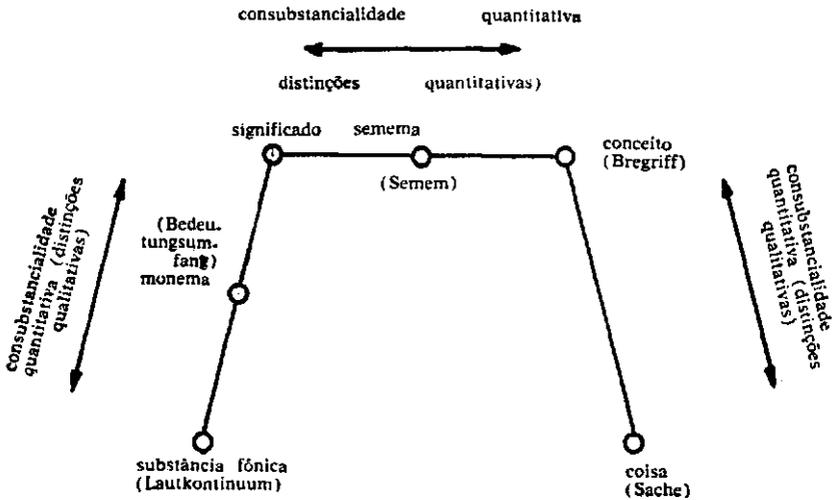


Vemos que se trata da mesma relação, e a oposição não consiste senão num ponto de vista, isto é, na direção.

A relação se faz entre dois triângulos diferentes, vale dizer que ela está, nos dois casos, na circunferência, pois o centro é formado por um só e mesmo triângulo.

Acrescento entre parênteses que o mesmo triângulo demonstra a necessidade de dois dicionários de estrutura diferente: um partindo da forma alfabética ou, melhor ainda, fonológica — e o outro partindo do conceito, portanto ideológico ou por ordem de matéria (27). Cremos pois que os dois métodos, o semasiológico e o onomasiológico, têm sua razão de ser.

Após publicado êste artigo, retomamos o exame das bases teóricas. Klaus Heger, num artigo de grande importância metodológica (28), criticou-me — com razão — por ter mudado o sentido primário do triângulo de Ullmann, aplicando-o ao nível da segunda metalíngua, que é o nível da metodologia lingüística. Ele substituiu o triângulo por um trapézio que tem a vantagem de não destruir a unidade do signo lingüístico (conjunto de significações ligadas a um mesmo monema).



(27) V. nosso artigo "Alphabetisch oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch?", in *ZrPh* 76 (1960), 521-536.

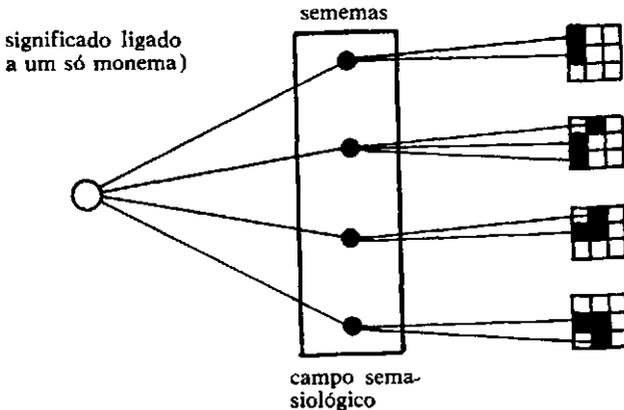
(28) Klaus Heger — "Die methodologischen Voraussetzungen von Onomasiologie und begrifflicher Gliederung", *ZrPh* 80 (1964), 486-516 (publicado em francês com o título "Les bases méthodologiques de l'onomasiologie et du classement par concepts", *Travaux de Linguistique et de Littérature, Strasbourg*, III - 1 (1965), 7-32.

Numa comunicação apresentada em sessão plenária ao Congresso de Linguística Românica (Madrid, setembro de 1965) (29), adotei o trapézio, inserindo nêle minha concepção sôbre as relações entre a semasiologia e a onomasiologia. Tais relações — olha-se o trapézio do alto, de tal modo que não se vê senão a linha superior do triângulo, sob a qual se esconde o monema (à esquerda) e a realidade extralingüística (à direita) — apresentam-se do modo seguinte (em realidade, trata-se tão sòmente de uma nova apresentação geométrica que em nada altera os resultados de nosso inquérito):

Semasiologia:
unidade de base

vista do alto

conceitos no interior de um
ou de diversos sistemas con-
ceptuais 30



(29) Será publicada nas Atas do Congresso. Um texto mais desenvolvido dessa comunicação acaba de ser publicado: Kurt Baldinger — "Sémantique et structure conceptuelle", *Cahiers de Lexicologie*, Besançon, 8 (1966), 3-46. Uma versão portuguesa desse trabalho será dado à estampa num dos próximos números desta revista.

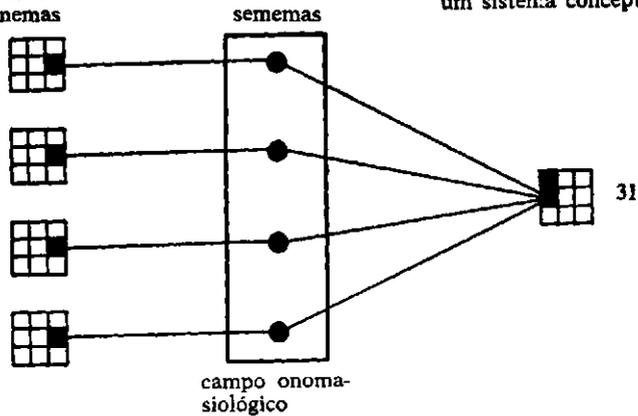
(30) Os temas contidos no sistema de conceitos podem ser de natureza muito heterogênea.

Onomasiologia :

vista do alto

significados (ligados a um mesmo número de monemas

unidade de base conceito no interior de um sistema conceptual

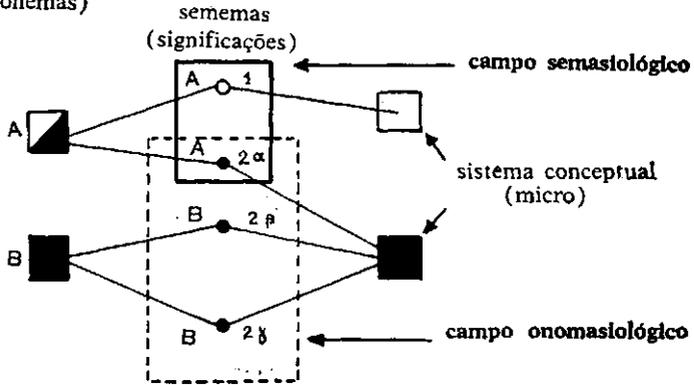


Básicamente, a situação continua a mesma: **semasiologia** parte de um monema para atingir diferentes conceitos ou estruturas conceptuais; a **onomasiologia** parte de um conceito ou de um sistema conceptual para atingir diferentes monemas. A estrutura **semasiológica** (ou campo **semasiológico**) define-se como um grupo de sememas (= significações) ligado a um só **significado** que, por sua vez, se liga por consubstancialidade quantitativa a um só **monema** (mas ligado freqüentemente a **diferentes sistemas conceptuais**). A estrutura **onomasiológica** (ou campo **onomasiológico**) define-se como um conjunto de sememas (= significações) ligado a um **só conceito** — que é determinado por sua posição num sistema conceptual —, mas fazendo parte de **diferentes significados** ligados por consubstancialidade quantitativa a **diferentes monemas**. Podem-se representar geomètricamente essas relações da seguinte maneira (sôbre a base de dois monemas A e B e de dois conceitos ou sistemas conceptuais):

(31) Combinação de **semas** que corresponde a uma posição no sistema conceptual dado.

significados
(ligados a um mesmo
número de monemas)

conceitos



A semasiologia [3] e a onomasiologia [4] examinam as duas micro-estruturas fundamentais do léxico. É sobretudo a onomasiologia (em combinação com a evolução estrutural sobre o plano dos conceitos, sugerida sobretudo por Coseriu) que promete realmente resultados novos. Ela nos faz ver a estrutura lexical de uma só e mesma língua e possibilita a comparação entre diferentes línguas numa base estrutural. Pode-se mesmo afirmar que ela está revolucionando a lingüística comparada; e poderia também revolucionar certas partes da gramática, levando-nos a reconhecer não somente a estrutura dos meios de expressão como também as possibilidades deixadas em branco (casos vazios). A onomasiologia, tal como a concebemos, não é mais a ciência estreita, ligada às "Wörter und Sachen". Ela ultrapassou há muito esse ponto de partida, cuidando de outros domínios (noções abstratas, ver Ricken, Congresso de Estrasburgo, 1962, **Résumé des Communications**, p. 28 e ss.; noção de tempo, ver. Heger, **Beiheft ZrPh** 104, 1963). A onomasiologia, pois, estuda a realização lingüística dos conceitos em qualquer domínio do léxico (e mesmo em todos os domínios da língua, desde que se trate da primeira articulação, segundo o termo de Martinet).

Resta-nos dizer algumas palavras quanto ao ataque de

Weisgerber contra a onomasiologia (32), em favor de um sistema de conceitos. O que interessa a Weisgerber é, em primeiro lugar, os conceitos e suas transformações. Mas essa orientação fá-lo deixar freqüentes vêzes o domínio puramente lingüístico para abordar problemas de filosofia lingüística. Weisgerber interessa-se pelo conteúdo. Mas, enquanto a onomasiologia se ocupa sobretudo com as designações, Weisgerber enfatiza a transformação conceitual do mundo real (die 'sprachliche Anverwandlung der Welt'; die 'Erforschung der Sprachzugriffe'). É uma orientação legítima, todavia sai fora do nosso assunto. Weisgerber é igualmente partidário do "conteúdo" lingüístico, mas, ao contrário da onomasiologia, não sublinha as deslocções lingüísticas, e sim as deslocções conceituais. Este desvio de tônica é possível sincrônicamente e diacrônicamente, pois também os dois pólos, a forma e o conceito, se transformam (33).

Resumamos: o duplo aspecto do signo lingüístico condiciona o duplo aspecto do método lingüístico. Cada evolução lingüística se produz de um lado no quadro duma estrutura semasiológica, de outro no quadro de uma estrutura onomasiológica. As duas estruturas evoluem continuamente. Permite-me lembrar aqui uma frase do valonista Feller, pronunciada em 1926: "O problema é duplo: será necessário partir da palavra para atingir o pensamento (semântica), e partir do pensamento para atingir as palavras (onomasiologia)". É o que tentamos ilustrar.

(32) Weisgerber, *Die Bedeutungslehre*, p. 178 acusa a onomasiologia de buscar "um laço direto entre o objeto e o nome" e de desconsiderar justamente os conteúdos lingüísticos, os conceitos. Mas são entretanto exatamente os conceitos que designamos, e não as coisas. Quando falta a coisa (no domínio abstrato), o conceito delimita ao mesmo tempo a "coisa", o que vale dizer que o conceito e a coisa se tornam idênticos. A onomasiologia é para nós, pois, a história das designações no sentido largo, e ela pode aplicar-se também ao domínio espiritual da língua (ver a este respeito a Tese de Ulrich Rücken — *„Gelehrter“ und „Wissenschaft“ im Französischen*. Beiträge zu ihrer Bezeichnungsgeschichte vom 12. - 17. Jahrhundert. Berlin, Akademie-Verlag, 1961 (Veröff. des Instituts für Roman. Sprachwiss. 15), 323 pp., e também os dois artigos do mesmo autor: "Bemerkungen zur Onomasiologie", in *Wissenschaftliche Zeitschrift der Karl-Marx-Universität*, 10 (Leipzig, 1961), 409-419; "Onomasiologie oder Feldmethode?", *ib.*, 833-840.

(33) De outro lado, a acentuação inversa é também possível: pode-se examinar as formas da palavra sem levar em conta sua função, seu conteúdo; Guiraud designa "morpholexicologie" este modo de considerar o problema da palavra (estudo das palavras consideradas em sua forma independentemente de sua função — *La Sémantique*, pp. 107 e ss.).

Não gostaria entretanto de terminar sem ter insistido no fato de que nos ocupamos somente de questões lingüísticas internas. Ora, a língua vive apenas pelo homem. Um inquérito semasiológico e onomasiológico não passará de um esqueleto se não fôr completado pelas relações humanas, pelas questões históricas, culturais, sociológicas e econômicas. Mais nós penetramos na complexidade da evolução lingüística, mais nos tornamos modestos. Nem mesmo abordamos os aspectos históricos, sociológicos e econômicos, quando, na verdade, é a partir desses problemas que a história de **travail** se torna interessante, pois que é aqui que apreenderíamos as relações entre a língua e o homem. A própria noção de etimologia se transformou, após Gilliéron e Saussure (34). De outro lado, as reflexões teóricas e metodológicas não são de importância menor. E, por fim, que fará o homem sem esqueleto?

(34) Ver a este respeito nosso artigo "L'Étymologie hier et aujourd'hui", in *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, 11 (1959), 233-264.